



IV Seminário de Comunicação e Territorialidade

“Comunicação contra as desigualdades”

PósCom-Ufes – Centro de Artes – Campus de Goiabeiras
17-18 de Outubro de 2018

TERRITORIALIDADE POLÍTICA DO CORPO:

uma discussão a partir da performance drag


Lucas BRAGANÇA¹


1 INTRODUÇÃO

O gênero, especialmente o alheio, se materializa como uma obsessão social. As construções seculares e os estereótipos reificados cotidianamente limitam o espectro perceptivo e crítico sobre o que é natural e o que é criado. Não nos atemos apenas a compreender a complexidade de nossa própria identidade, como temos a necessidade de vislumbrar e especular sobre o outro, e, muito além, de investigar e apontar quaisquer características que compreendermos como desviante do que se entende comumente como “normal” e “moral”.

Nossos corpos e nosso comportamento social, muitas vezes, são construídos e aprendidos sobre uma base de dicotomias que nos diferenciam e disciplinam, forçando todos a se moldarem e se encaixarem nos ditames sociais. Nesse contexto, um dos poucos indivíduos que quebram esse paradigma são as drag queens, objeto de estudo desta investigação. Elas apresentam as duas polaridades de gênero em um mesmo instante mesclando e satirizando as definições pré-concebidas. Nelas, os papéis de gênero se encontram justapostos, criando a possibilidade de ressignificar as relações fixas entre gênero, corpo e sexo, permitindo pensar em uma desnaturalização dos laços que envolvem esses conceitos (SANTOS, 2012).

¹ Mestrando em Comunicação e Territorialidades na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Comunicação, Imagem e Afeto (CIA). Bolsista da Capes. E-mail: lucasbragancafonseca@gmail.com





Com isso, a performance drag, mesmo historicamente aliada ao entretenimento (BAKER, 2018), se torna política. Seus corpos artificialmente criados com materiais diversos, como cola, espuma, maquiagem e um pouco de fita adesiva para *aquendar a neça*², se aproximam do que Preciado (2018) aponta acerca de nossos corpos serem constructos artificiais. Para o autor (2018), não existe um corpo legítimo ou natural, visto que todos fazemos usos de “próteses”, como de silicone, óculos, vestimenta, tintas de cabelo, unhas postiças, etc.

A não linearidade entre sexo e biológico dentro da performance drag traria consigo questionamentos acerca das limitações do território do corpo. As perguntas que movimentam a investigação são: Até que ponto nossos corpos são territórios que nos pertencem? Estaria a performance drag utilizando o território do corpo para fazer política?

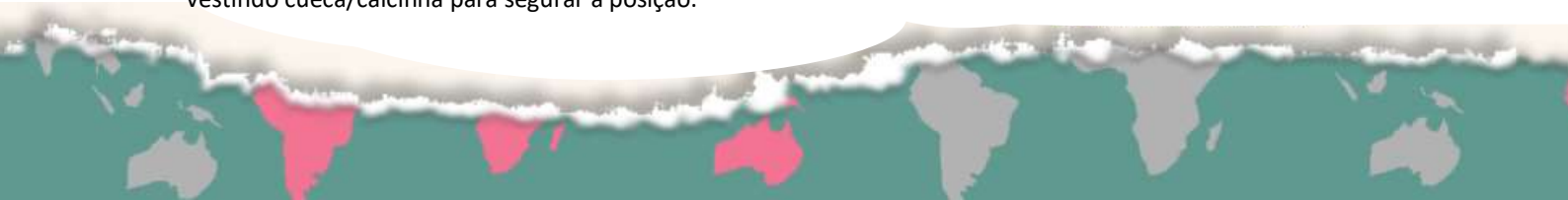
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS


A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica sobre autores que discutem questões sobre o corpo, a performance e o gênero. Trazemos como base, principalmente, as provocações queer no intuito de questionar certos determinismos que legitimam alguns corpos e seus usos em detrimento a outros.

Tendo isso em mente, foram realizadas cinco entrevistas com drag queens. O critério de seleção foi o diálogo com indivíduos de diferentes partes do país, como forma de verificar de que forma a cultura local poderia influenciar na visão das drags de suas performances. Dessa maneira, foram entrevistadas drag queens dos estados do Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Rio de Janeiro, Paraná e Espírito Santo. Apenas a região norte não se viu representada, visto a dificuldade de se encontrar esses indivíduos. As entrevistas foram realizadas via e-mail durante os meses de agosto e setembro.

O método escolhido foi o da entrevista semiestruturada, visto ser possível nesse método incluir questionamentos durante o diálogo que estivessem fora de um conjunto de questões

² Parte do léxico homossexual brasileiro, o pajubá. Se refere ao ato de esconder o pênis com objetivo de criar uma vagina ilusória. Os testículos são colocados um para cada lado, o pênis é puxado para trás e os testículos são, então, posicionados dentro da cavidade inguinal, finalizando com emplastos, fita adesiva ou apenas vestindo cueca/calcinha para segurar a posição.





previamente definidos. com perguntas abertas, nas quais o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto.


3 RESULTADOS E DISCUSSÃO


Se, conforme Foucault (2017a), o sexo é um tópico constante na história humana, a sociedade acaba, por vezes, gerindo "determinismos efêmeros" que limitam as vivências e experiências individuais. Isso acaba por se desdobrar em nossa diferenciação genérica e sexual que tem seu início nos papéis sociais gerados e esperados para cada um de nós, criando um espaço social demarcado que acrescenta regras e comportamentos ao universo biológico, sem que exista grande fluidez nas definições estabelecidas. Esses papéis são os fatores de diferenciação sexual que orientam a inteligibilidade dos corpos pelas construções sociais de códigos estéticos, funcionais e comportamentais. Para Kleain (2016, p.10), essa:

tentativa de dar inteligibilidade a um corpo é, via de regra, o gesto de engendrar-lo sob alguma forma de reconhecimento a qual tem por base normas sociais, estatais ou médico-jurídicas vigentes. Ler um corpo é tramar-lhe signos: um nome, uma raça, um sexo, uma deficiência, uma pessoa, um gênero, uma sexualidade. Ler um corpo é reconhecê-lo por meio da linguagem, é observá-lo atravessa(n)do (por) dispositivos e normas, regimes de poder e biotecnologias. O ato de atribuir um gênero e uma sexualidade a um corpo é repercutir um ser em gênero para os outros e para si mesmo; é enredá-lo em uma teia discursiva de regulações, de repetições e de desplugues.

Assim, o incômodo gerado com a performance de gênero não linear, como a performance drag, é fruto de uma cultura milenar em que o sexo biológico, a sexualidade e o gênero eram vistos de maneira una. Isso só se modificou com o pensamento queer, especialmente de Judith Butler (2017), que "separou" essas características em categorias distintas. Com isso se tornou possível compreender a pluralidade de sexualidades e expressões de gênero que sempre existiram, mas que na contemporaneidade conseguiram se fazer entendidas, ao menos academicamente.

Ainda hoje corpos que não se enquadram dentro dessas expectativas geradas com o sexo biológico sofrem sanções sociais. No caso das drag queens, por exemplo, sua visibilidade é restrita, visto que só parece ser celebrada quando realizada sob o pretexto do





humor. Com isso, é comum, por exemplo, vermos peças de teatro de sucesso onde homens interpretam papéis femininos³. Em contrapartida, as performances mais desafiadoras, como as dublagens, acabam se restringindo aos guetos homossexuais sendo que, mesmo nesses ambientes, as drag queens sofrem com preconceito instaurado na comunidade gay que também se vê construída, em grande parte, dentro de parâmetros heteronormativos.

4 CONCLUSÕES

O trabalho percebeu que, mesmo em um momento onde há uma celebração da cultura drag fruto da popularização do programa *RuPauls Drag Race* e da ascensão de Pablu Vittar como um dos maiores nomes da música nacional, a performance drag continua fadada aos guetos homossexuais. Essa não incorporação da cultura demonstra que o território do corpo continua sendo moldado dentro da heteronormatividade e, com isso, a construção do corpo drag, que brinca com questões de gênero, prossegue como um corpo político.


É claro que, como nos fala Butler (2017), a performance drag pode também funcionar como uma reiteração dos universos masculino-feminino, especialmente se compreendermos a performance de forma simplista como “homens vestidos de mulheres”. No entanto, como a própria autora (2017) coloca, as drag queens podem revelar, também, a fragilidade das imposições normativas de gênero, questionamentos que acabam denunciando a instabilidade da relação entre sexo, gênero e sexualidade.


5 PALAVRAS-CHAVE*[Mínimo de três e máximo de cinco. Separadas por ponto]*

Corpo. Território. Drag. Gênero.

6 REFERÊNCIAS

³ Pensemos, por exemplo, no legitimado sucesso de Paulo Gustavo em “Minha mãe é uma peça” ou mesmo de Vera Verão em “A praça é nossa” no final dos anos 1990 e início dos 2000.





BAKER, Roger. **Drag: a History of Female Impersonation in the Performing Arts**. Nova Iorque: New York University Press, 1994.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro | São Paulo: Paz & Terra, 2017a.

_____. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1, 2009.

KLEAIM, Luiz Cláudio. Prefácio. In: FERREIRA, Sérgio; MONZELI, Gustavo; RODRIGUES, Alexandro (org.). **A Política no Corpo: Gêneros e Sexualidades em Disputa**. Vitória: Edufes, 2016. Disponível em: [<https://bit.ly/2yaBP9k>].

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Corpo, sexo e subversão: reflexões sobre duas teóricas queer. **Interface. Comunicação, Saúde, Educação**, v.12, n.26, 2008. Disponível em: [<http://bit.ly/2oaeXCm>].

PRECIADO, Paul Beatriz. **Testo Junkie**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

_____. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

SAEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu: políticas anais**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Joseylson Fagner dos. **Femininos de montar - Uma etnografia sobre experiências de gênero entre drag queens**. 2012. 240 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível em: [<http://bit.ly/2E8g38A>].

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso - A homossexualidade no Brasil. Da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

